

**PESQUISA SOCIAL, CRIMINALIDADE E PRÁTICAS ILEGAIS:
EXPERIÊNCIAS DE CAMPO EM FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL**

**SOCIAL RESEARCH, CRIMINALITY AND ILLEGAL PRACTICES: FIELD
EXPERIENCES IN FORTALEZA, CEARÁ, BRAZIL**

**INVESTIGACIÓN SOCIAL, CRIMINALIDAD Y PRÁCTICAS ILEGALES:
EXPERIENCIAS DE CAMPO EN FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL**

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS/USP). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor de Sociologia do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de São Bernardo. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre as Cidades (CITADINOS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA - São Bernardo - MA). Pesquisador do Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará (LEV/UFC). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia Urbana e do Conflito, atuando principalmente nos seguintes temas: Ciências Sociais, Cidades, Violência, Cotidiano e América Latina.

E-mail: clodomir.cordeiro@gmail.com

RESUMO

O presente artigo busca explorar as condições sociais de produção da pesquisa social e o conhecimento gerado a partir de investigações realizadas em contextos socialmente apreciados como perigosos e violentos. Trabalhando com dados de investigações realizadas nos últimos quinze anos em um bairro periférico da cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil, pretendemos refletir sobre os significados das experiências e interações de pesquisa para o desenvolvimento de estudos nesses espaços, como também sobre a produção do conhecimento social mediada e viabilizada por essas vivências. Compreendendo os diferentes momentos de nossas investigações sob a ótica das interações e contatos sociais as bases processuais da pesquisa social podem revelar não apenas incertezas quanto à preservação da nossa integridade física, mas também o instigante momento de aceitação e abertura para novas camadas da dinâmica social. Sob essa ótica, os impactos objetivos e simbólicos da violência não podem ser apreciados apenas em sua porção negativa e desagregadora, mas também a partir de todas as complexas dinamicidades e solidariedades que potencializam.

Palavras-chave: Pesquisa. Conhecimento. Criminalidade. Ilegal. Fortaleza.

ABSTRACT

The present article seeks to explore the social conditions of production of social research and the knowledge generated from investigations carried out in contexts socially appreciated as dangerous and violent. Working with data from research carried out over the last fifteen years in a peripheral neighborhood of the city of Fortaleza, Ceará, Brazil, we intend to reflect on the meanings of research experiences and interactions for the development of studies in these spaces, as well as on the production of social knowledge mediated and made possible by these experiences. Understanding the different moments of our investigations from the point of view of interactions and social contacts, the procedural bases of social research can reveal not only uncertainties regarding the preservation of our

physical integrity, but also the instigating moment of acceptance and openness to new layers of social dynamics. From this point of view, the objective and symbolic impacts of violence can not only be appreciated in its negative and disaggregating portion, but also from all the complex dynamicities and solidarities that enhance it.

Keywords: Research. Knowledge. Criminality. Illegal. Fortaleza

RESUMEN

El presente artículo busca explorar las condiciones sociales de producción de la investigación social y el conocimiento generado a partir de investigaciones realizadas en contextos socialmente apreciados como peligrosos y violentos. Trabajando con datos de investigaciones realizadas en los últimos quince años en un barrio periférico de la ciudad de Fortaleza, Ceará, Brasil, pretendemos reflexionar sobre los significados de las experiencias e interacciones de investigación para el desarrollo de estudios en esos espacios, así como sobre la producción del conocimiento social mediada y viabilizada por esas vivencias. Comprendiendo los diferentes momentos de nuestras investigaciones bajo la óptica de las interacciones y contactos sociales, las bases procesales de la investigación social pueden revelar no sólo incertidumbres en cuanto a la preservación de nuestra integridad física, sino también el instigante momento de aceptación y apertura para nuevas capas de la dinámica social. Bajo esta óptica, los impactos objetivos y simbólicos de la violencia no pueden ser apreciados sólo en su parte negativa y desagregadora, sino también a partir de todas las complejas dinamicidades y solidaridades que potencian.

Palabras-clave: Investigación. Conocimiento. Criminalidad. Illegal. Fortaleza

1 INTRODUÇÃO

“Os pesquisadores em ciências sociais defrontam-se com um problema metodológico singular: as próprias condições de suas pesquisas constituem variável complexa e importante para o que se considera como os resultados de suas investigações.” (CICOUREL, 1969, p. 87)

Passadas três décadas do processo de democratização da política no país as prerrogativas garantidas pelo Estado de Direito continuam sendo rotineiramente vilipendiadas em grande parte do território brasileiro, especialmente na região Nordeste do país. Nesse período, o Brasil ainda apresenta problemas aparentemente incontornáveis: uso abusivo da força, muitas vezes letal, por parte das forças policiais; execuções extrajudiciais; linchamentos; condições prisionais precárias; corrupção no sistema de justiça criminal; e, violência contra grupos considerados tradicionais, como camponeses, ribeirinhos, remanescentes de quilombos e indígenas. Tais fenômenos continuam a ocorrer apesar dos inegáveis progressos com relação aos direitos políticos, da ratificação da maior parte das

convenções e tratados sobre os Direitos Humanos e das tentativas de erradicar suas violações por meio de reformas legislativas e institucionais.

Investigando o processo de construção de uma democracia *à brasileira*, sob a ótica de suas normatizações e efetivas garantias dos direitos inscritos na letra da lei, Teresa Caldeira e Murilo de Carvalho diagnosticaram problemas significativos em nosso trajeto. Carvalho (2008) afirma que nos encontramos democraticamente em uma *encruzilhada*, devido, entre outros fatores, à falta de equilíbrio nos acessos às dimensões inclusivas da cidadania observáveis em nosso arranjo democrático. Apreciando o atual caráter da democracia brasileira como *disjuntivo*, Caldeira quer chamar nossa atenção para os processos contraditórios de simultânea expansão e desrespeito aos direitos da cidadania, processos que de fato marcam muitas das experiências democráticas no mundo atual. Para a autora, “a cidadania brasileira é disjuntiva porque, embora o Brasil seja uma democracia política e embora os direitos sociais sejam razoavelmente legitimados, os aspectos civis da cidadania são continuamente violados” (CALDEIRA, 2000, p. 343). Nesse contexto de recorrentes ocorrências de práticas criminalizadas e multiplicação de processos de vitimização e esgarçamento do tecido urbano brasileiro a pesquisa social¹ debruçou-se de maneira profícua sobre esses fenômenos e seus temas transversais, desenhando uma agenda de pesquisas extremamente relevante para a interpretação do cenário democrático no país.

Diante desse quadro, o objetivo do presente artigo é refletir sobre as *condições sociais de produção* da pesquisa social e o conhecimento gerado a partir de investigações realizadas em contextos socialmente apreciados como perigosos e/ou violentos. Trabalhando com dados de investigações realizadas em um bairro periférico da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, Brasil, pretendemos refletir sobre os significados das experiências e interações de pesquisa para o desenvolvimento de estudos nesses espaços, como também sobre a produção do conhecimento social mediada e viabilizada por essas vivências².

¹ Alba Zaluar fragmenta sua argumentação acerca dos campos temáticos que fazem parte do imaginário coletivo dos cientistas sociais que se dedicaram aos estudos da violência e da criminalidade em cinco eixos de análise. São eles: a) a reflexão sobre *o que é violência* e seus múltiplos planos e significados; b) *as imagens ou representações sociais do crime e da violência* e o medo da população; c) *a contagem das vítimas e dos crimes*; d) *a procura de explicações para o aumento da violência e da criminalidade*; e, e) *o problema social da criminalidade como tema de política pública*. (ZALUAR, 2004, pp. 227-228).

² O contato com os interlocutores da pesquisa se iniciou na graduação no início do ano 2000 e segue até a presente data. Para o desenvolvimento das pesquisas realizamos, sobretudo, observações participantes e entrevistas semiestruturadas. Ver MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de. *A violência no contexto urbano: um estudo do processo de produção de sentidos e estereótipos sobre o espaço social e o indivíduo*. Fortaleza: UECE, 2004 (mimeo) e MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de. *Violência, cidadania e medo: experiências urbanas em Fortaleza*. Fortaleza: UFC, 2008. (mimeo). Para a realização do último trabalho contamos com o apoio inestimável, na forma de uma bolsa, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

Entendendo os diferentes momentos de nossas investigações sob a ótica das interações e contatos, deixemo-nos surpreender pela inesperada plasticidade e dinamicidade da vida social.

Com o intuito de desenhar uma sequência coerente para o argumento que pretendo expor ao longo do trabalho, o texto foi dividido em três momentos. No primeiro, nos reportaremos às experiências de pesquisa vivenciadas com jovens usuários de substâncias consideradas ilegais do bairro Aerolândia³ em suas interações com a polícia. Atento as dinâmicas e ressonâncias desses contatos, objetivamos qualificar o debate acerca dos processos de construção das *empatias* e solidariedades entre os agentes da pesquisa, sentimentos valiosos para a viabilidade e execução de nossas investigações com grupos considerados desviantes. Em um segundo momento, dando visibilidade às experiências compartilhadas com um grupo de moradores do bairro temos por objetivo problematizar algumas generalizações interpretativas elaboradas acerca dos efeitos sociais da criminalidade e da violência no Brasil. Acompanhando esses cidadãos em seus itinerários diários, pude observar que o papel *disruptivo* da violência no tecido social coexiste com os rearranjos microbianos de laços e sociabilidades negociados dinamicamente. Por fim, o desfecho do trabalho é composto por considerações de conjunto acerca das contribuições das pesquisas qualitativas realizadas em contextos socialmente considerados violentos para a compreensão do atual arranjo democrático brasileiro.

1.1 “*Levando uma Geral*”: tecendo empatias

Começaremos esse tópico refletindo sobre a possibilidade de experiências de pesquisas avaliadas sob o crivo do perigo e do medo atuarem de maneira positiva no desenho de nossas trajetórias investigativas, logo, no tipo de conhecimento que produzimos a partir das mesmas. Dialogando com a teoria da *interação social* de Goffman (2005), Berreman (1980) considera a pesquisa etnográfica, ou “*as diversas situações nela ocorridas, como um sistema de interações simbólicas entre os etnógrafos individualmente ou enquanto equipe, com outras equipes ou grupos*” (BERREMAN, 1980, p. 28). Pensando as investigações sociais a partir dessas múltiplas *interações simbólicas* que atravessam suas diferentes etapas, podemos observar o importante papel que a construção das *empatias* entre os agentes de pesquisa possui para a dinâmica e o desenvolvimento da produção do conhecimento científico.

³ O estudo foi realizado com moradores do bairro Aerolândia, situado na periferia da Zona Sul da cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, Nordeste, Brasil.

Explorando situações vivenciadas junto a um grupo de jovens usuários de substâncias psicoativas em suas interações com o braço visível e operante da lei nas periferias de Fortaleza, ou seja, com a polícia, algumas reflexões sobre as condições sociais de produção do conhecimento científico ganharam destaque e importância. Sob essa ótica, experiências e situações que por vezes são consideradas perigosas e inusitadas possibilitam a tessitura das *empatias* e solidariedades entre os agentes da pesquisa, sentimentos necessários para a realização e desenvolvimento de nossos estudos nos mais diversos espaços sociais. Participando com os “meninos da praça”⁴ de algumas de suas muitas interações com os operadores da lei, nem sempre prazerosas para os agentes da pesquisa, as impressões que cercam essas experiências deram forma aos argumentos presentes nesse momento do artigo.

Minhas primeiras visitas ao campo no qual a pesquisa foi desenvolvida aparecem hoje aos olhos do investigador como momentos onde a todo instante procurava travar conversas e construir laços capazes de estabelecerem a proximidade que acreditava, e acredito, ser necessária para ter acesso ao universo de significados e experiências dos indivíduos e grupos que elegemos como interlocutores de nossas pesquisas. Buscando construir essa *empatia*, que não significa tornar-se um deles, passei a frequentar com alguns dos “meninos” as quermesses de domingo na principal Igreja Católica do bairro; voltei a jogar *futsal* as terças e quintas-feiras na “quadra do Mercado” com outra parte deles; e, como estratégia fundamental para a realização da investigação, tornei-me frequentador assíduo da “Praça da Passarela” da Aerolândia. Participando dessas atividades tecei amizades e laços decisivos para o desenvolvimento de minha pesquisa, porém, foi através das experiências que vivenciei com esses jovens em suas interações com a polícia que realmente me senti “aceito” pelos “meninos da praça” e qualificado pelos mesmos para compartilhar alguns de seus segredos e aventuras. Perguntado sobre os momentos vivenciados durante as abordagens policiais e seus procedimentos, muitas vezes constrangedores para os “meninos”, André narrou uma experiência decisiva para o desenvolvimento da pesquisa.

“Macho, você lembra daquele dia? As coisas acontecem mais ou menos toda vida daquele jeito. A gente fica toda hora “passando o pano”⁵, pois ninguém tá fumando na sala de casa, né?! Fica um olhando para um lado, outro para o outro e assim a gente já tá meio prevenido. Os caras que pegam a gente fumando aqui geralmente tão de moto, porque eles podem subir a calçada da praça e acabam pegando a

⁴ Formado por 17 rapazes e 3 garotas, entre 16 e 36 anos de idade, que advinham de diferentes micro espaços do bairro, os “meninos da praça”, como serão chamados daqui por diante, trouxeram elementos instigantes para pensarmos as experiências de existir em contextos de altas taxas de criminalidade atravessados por sentimentos de medo e insegurança.

⁵ Termo utilizado para referir-se aos constantes exercícios de observação e atenção que cercam o porte e uso de substâncias socialmente consideradas ilegais.

gente de surpresa. Mas o esquema é o mesmo! Quem tá com o “beck”⁶ na mão tem que dar conta dele! Joga, apaga, enterra, engole, tem que dar seu jeito! Se não encontrar nada no “baculejo”⁷, como naquele dia que eu consegui esconder, aí ainda tem que mostrar os documentos e “tirar de tempo”⁸ o cheiro. Nessas horas o esquema é sempre falar a verdade, pois os cana acabam ficando com mais raiva é da mentira, pois o cheiro já tá ali. Como naquele dia ninguém falou besteira, ninguém tinha nada e todo mundo ficou de boa, eles foram embora num instante e nem ficaram passando mais. (André, 21 anos, morador do bairro).

Esses contatos, vistos como perigosos pelos “meninos”, pois os mesmos poderiam, entre outras situações que ocorrerem durante as abordagens policiais, serem flagrados portando ou consumindo substâncias ilícitas, e, tidos como “incertos” por mim, pois nessas ocasiões não sabia o que esperar do encontro e da conduta desses dois atores, possibilitaram uma mudança decisiva na representação que esses agentes da pesquisa nutriam sobre quem eu era, minhas intenções pessoais e profissionais para com eles. Como me confessara Augusto dias após minha primeira “geral”⁹ com os “meninos”:

“Rapaz, eu não ia muito com a tua cara não, mas depois daquela geral que rolou naquele dia eu vi que tu é gente boa. Se fosse outro tinha falado um monte de besteira ou feito merda. Os meninos falavam que você era gente boa mas eu tinha um pé atrás sabe? Agora tá beleza.” (Augusto, 23 anos, morador do bairro).

Ter mantido a calma e não ter falado algo impróprio para o desenrolar da situação a qual estávamos vivenciando mudou aos olhos de Augusto, e de grande parte dos “meninos da praça”, a representação que nutriam a meu respeito. A partir daquele dia conversas sobre pequenos furtos, conflitos familiares, desavenças pessoais, localização dos pontos de tráfico, entre outras situações, passaram a ser travadas em minha presença, revelando histórias e personagens essenciais para a compreensão da dinâmica desse grupo. Um distanciamento exacerbado presente no começo da pesquisa tornou-se mais tênue, fazendo emergir em seu lugar uma proximidade gratificante, capaz de iluminar camadas do mundo social antes fora de nosso alcance analítico. Discorrendo sobre suas experiências de pesquisa em Bali, Geertz (2008) explora de maneira primorosa as situações e momentos, muitas vezes inusitados, que possibilitam ao pesquisador acesso ao mundo simbólico e interacional dos interlocutores da pesquisa.

Em Bali, ser caçado é ser aceito. Foi justamente o ponto da reviravolta no que concerne ao nosso relacionamento com a comunidade, e havíamos sido literalmente “aceitos”. Toda a aldeia se abriu para nós, provavelmente mais do que o faria em qualquer outra ocasião (talvez eu nunca chegasse até o sacerdote e nosso hospedeiro

⁶ Termo popular utilizado em Fortaleza, Ceará, para designar a maconha quando assume o formato de cigarro.

⁷ Revista corporal realizada durante as abordagens policiais.

⁸ Nessa situação significa ludibriar, tornar insignificante, camuflar.

⁹ Um dos muitos termos utilizados para se referir às abordagens policiais.

ocasional tornou-se meu melhor informante), e certamente com muito maior rapidez. Ser apanhado, ou quase apanhado, numa incursão policial ao vício talvez não seja uma receita muito generalizada para alcançar aquela necessidade do trabalho de campo antropológico – o acordo, a harmonia – mas para mim ela funcionou admiravelmente. Levou-me a uma aceitação súbita e total, não habitual, numa sociedade extremamente avessa à penetração de estrangeiros. (GEERTZ, 2008, p. 188)

Considerando as múltiplas maneiras de inserção do cientista social em seus contextos de pesquisa e os significados contextualmente negociados entre os atores como elementos centrais para a compreensão de suas práticas e relações sociais, momentos de interação vivenciados como “incertos” e “perigosos” não devem ser apreciados apenas sob a ótica do traumático. Em investigações realizadas em contextos socialmente apreciados como violentos e com agenciadores de práticas criminalizadas, devemos estar atentos para o fato de que a tessitura das empatias e solidariedades entre os agentes da pesquisa, tão necessárias para a viabilidade de nossos empreendimentos e para a produção do conhecimento sociológico, podem emergir no bojo das experiências e interações às quais nossos interlocutores estão diariamente expostos.

Resgatar as bases processuais da ação social em pesquisas desenvolvidas em contextos urbanos considerados perigosos pode significar, muitas vezes, a incerteza quanto à nossa integridade física, mas também o instigante momento de aceitação e abertura para novas camadas da dinâmica social. Para que as ações dos atores possam ser entendidas para além dos eventos espetaculares e de estereótipos e pré-conceitos do senso comum destacados na mídia, os mesmos devem ser devolvidos aos seus contextos sociais e observados em suas atividades rotineiras (WHITE, 2005), capazes de revelarem sentidos contextualmente negociados.

2 VIOLÊNCIA: rupturas e rearranjos

No segundo momento do artigo, como no inicial, aquilo que toma corpo em nossas linhas deve ser avaliado e compreendido à luz das experiências vivenciadas com os moradores do bairro Aerolândia durante a realização de duas pesquisas acadêmicas. Acompanhando um grupo de moradores¹⁰ em seus trajetos cotidianos rumo lugares de trabalho e estudo, passei a dedicar especial atenção aos mecanismos de controle que esses atores estavam desenvolvendo e utilizando localmente para uma possível mitigação do medo

¹⁰ Grupo formado por 23 pessoas, 16 homens e 07 mulheres, entre 18 e 55 anos que de maneira insistente em suas narrativas e práticas demarcavam distâncias em relação aos usuários de substâncias ilícitas e praticantes de crimes do bairro.

e prevenção de práticas consideradas violentas no interior do bairro. Com esse direcionamento do olhar, centrei meus esforços na observação das escoltas cotidianas empreendidas por alguns desses indivíduos em seus itinerários diários. Imbuídos da missão de proporcionar trajetos mais seguros para seus familiares, especialmente figuras femininas tais como esposas e filhas, em um ambiente onde os itinerários são vivenciados e representados como incertos e perigosos, esses intrépidos cidadãos se lançavam diariamente rumo à glória do sucesso de uma condução bem sucedida ou a um fracasso de repercussões que poderiam envolver em última instância a morte de seus entes queridos. A partir do convívio com esses “heróis do dia a dia” creio podermos reavaliar o discurso generalizado sobre o papel unicamente *disruptivo* do fenômeno socialmente apreciado como violência em nossas sociedades.

Durante a realização da pesquisa para a elaboração da dissertação de mestrado, tive a satisfação de conhecer o senhor Arnaldo, pedreiro de quarenta e cinco anos, orgulhoso chefe de família, casado com Suely e pai de duas filhas, Clarisse e Alice. Após alguns contatos e conversas realizadas na sala de sua casa, passei a acompanhar Arnaldo em seus trajetos rumo à espera de sua filha mais velha, Clarisse, no ponto de ônibus no qual rotineiramente desembarcava de sua epopeia cotidiana. Clarisse trabalhava em uma loja de departamentos localizada na região central da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, e regressava de seu ofício por volta das vinte e três horas, período considerado por ela, por seu pai e por vários moradores do lugar como de extremo perigo. Tentando proporcionar itinerários seguros para sua prole, o intrépido morador se dirigia todas as noites, dos dias considerados úteis para o trabalho, a um ponto de ônibus à espera de Clarisse. Foram esses trajetos realizados pelo senhor Arnaldo, e por muitos outros moradores do bairro, que tive a oportunidade de acompanhar durante boa parte de minha pesquisa.

Nos dias em que estive com Arnaldo em suas diligências noturnas, uma situação mostrou-se pertinente para o desenvolvimento de minha dissertação e dos argumentos que propus apresentar nesse artigo. Refiro-me, aos longos períodos que, por vezes, eram necessários para que sua filha finalmente retornasse de sua jornada diária. Nessas longas horas diárias de espera, geralmente duas ou três, em que estivemos nos pontos de ônibus da Aerolândia, pude apreciar a violência não apenas sob a ótica da ruptura que produz, mas também a partir dos rearranjos que a mesma potencializa.

Acompanhando Arnaldo pude observar que a prática das escoltas cotidianas era bem mais popular entre os moradores do que imaginava no início de minha pesquisa. Essas práticas podem ser associadas, a partir de uma leitura de David Garland (2008), a reprodução

de uma série de controles sociais informais que caracterizam o atual campo do controle do crime. Segundo o autor:

“Este campo do controle do crime é caracterizado por dois eixos de ação entrelaçados e mutuamente condicionados: os controles formais exercidos pelas agências estatais do sistema penal e os controles sociais informais, que se estribam nas atividades cotidianas e nas interações da sociedade civil. As instituições formais de controle do crime tendem a ser reativas e adaptáveis. Elas operam buscando complementar os controles sociais da vida comum, apesar de muitas vezes interferirem nesses controles sociais, prejudicando sua efetividade. Como a vida cotidiana se modifica, suas mudanças frequentemente trazem consequências para a estrutura dos controles informais, que podem, por seu turno, trazer problemas para o funcionamento e a efetividade das instituições de controle formal. Devemos ter em mente, portanto, que o campo do controle do crime envolve tanto as atividades oficiais de ordenamento social como as atividades de atores e agências privadas, nas práticas e rotinas ordinárias.” (GARLAND, 2008, pp. 47-48)

No ponto de ônibus que passei a frequentar com meu interlocutor, localizado na Avenida Raul Barbosa entre as ruas Tenente Roma e Capitão Clóvis Maia¹¹, aglomeravam-se outras figuras masculinas munidas das ferramentas de que dispunham e acreditavam eficientes para o controle e mitigação, mesmo que momentânea, de irrupções de violência e do medo que as antecedem e acompanham. Nesse local, conheci Roger e seu *Pit Bull*, carinhosamente apelidado de “Treta”, Claudio e seu irmão Carlos, e, o senhor Vicente, homem de seus sessenta anos que exibia com orgulho um “porrete” que recebera de presente de um parente do interior do estado. Mesmo munidos de instrumentos e mecanismos que buscavam controlar e mitigador a violência e o medo, esses longos períodos de espera eram representados por esses intrépidos homens que arriscavam suas vidas para proteger seus “bens mais preciosos”, ou seja, a vida de suas mulheres, filhas e irmãs, como perigosos e arriscados.

Permanecer durante longos períodos de tempo nos pontos de ônibus, como pude comprovar nesses dias, significava circunscrever a garantia de nossa integridade física no campo da incerteza e do perigo. Como afirmou Roger em uma dessas noites de espera.

“Acho que nós corremos tanto risco quanto as meninas! Nós passamos a noite toda aqui as vezes esperando por elas em tempo de ser roubado, ou o que é pior, morto nessa parada de ônibus. Tem dias que não sei se vou vir pra cá e voltar pra casa. Passam uns caras tão mal encarados por aqui que o medo às vezes é grande! Tomara que esse ônibus chegue logo!” Roger, 20 anos.

Para nossos interlocutores os perigos aos quais estávamos expostos naquele ponto de ônibus, e aqui me incluo como alguém que experimentava a mesma sensação de medo e

¹¹ Um dos principais corredores viários da cidade de Fortaleza, Ceará, que dá acesso a equipamentos importantes na dinâmica de funcionamento da capital alencarina, entre eles, o aeroporto internacional Pinto Martins e a orla da Beira-Mar.

insegurança, eram tão ou mais reais do que aqueles que poderiam acometer seus familiares. Nos longos períodos em que permaneciam nas paradas de ônibus à espera de seus “bens mais preciosos”, o temor quanto à manutenção da integridade física também rondava as rotinas e os assuntos desses intrépidos cidadãos. Esse perigo deixou de ser potencial e mostrou sua face quando em uma dessas noites eu, Arnaldo, Roger e Vicente fomos abordados por uma dupla de jovens assaltantes que rondava o local em uma motocicleta. As perdas materiais nesse evento foram mínimas, pois nenhum de nós possuía bens de significativo valor, mas os ganhos para a pesquisa inestimáveis.

Quando decidimos investigar as dinâmicas e os personagens de contextos que apresentam altas taxas de ocorrências criminais corremos o risco de vivenciar os mesmos perigos e incertezas aos quais nossos interlocutores estão expostos diariamente. Porém, tais situações, por outro lado, gratificam o pesquisador quando potencializam a observação e a descoberta de relações e detalhes antes ignorados. Creio que esse foi o caso das experiências que vivenciei com Arnaldo, Roger, Carlos, Claudio e Vicente nos pontos de ônibus da Aerolândia. Através dessas experiências a relativização do papel *disruptivo* da violência em contextos urbanos pode ser abordada. Como pondera Georg Simmel (1983):

Uma classificação mais abrangente da ciência das relações humanas deveria distinguir, parece, aquelas relações que constituem uma unidade, isto é, as relações sociais no sentido estrito, daquelas que contrariam a unidade. Deve-se compreender, todavia, que ambas as relações costumam ser encontradas em todas as situações historicamente reais. O indivíduo não alcança a unidade de sua personalidade exclusivamente através de uma harmonização exaustiva – segundo normas lógicas, objetivas, religiosas ou éticas – dos conteúdos de sua personalidade. A contradição e o conflito, ao contrário, não só precedem esta unidade como operam em cada momento de sua existência (SIMMEL, 1983, pp. 123-124).

Participando com os moradores da Aerolândia de suas peregrinações cotidianas rumo a condução de suas esposas, filhas e irmãs, pude observar que a compreensão da violência enquanto fenômeno sociológico vai muito além do generalizado papel disruptivo que a mesma incorpora. Se por um lado a ocorrência de *práticas criminalizadas*¹² nos bairros de Fortaleza e das grandes metrópoles brasileiras acabam por minar as relações tecidas nesses contextos, pouca atenção tem se dedicado aos novos micro arranjos que se estruturam nesses espaços sociais. Percorri essas páginas não para dar visibilidade aos mecanismos microbianos manejados nas mitigações diárias do medo e da violência pelos moradores de Fortaleza, mas para destacar que nos processos de construção e execução desses dispositivos, comuns na

¹² De acordo com Misse (2006), ao referir-se ao processo de *construção social do crime* no Brasil, as práticas criminalizadas se referem aos cursos de ações *típico-idealmente* definidos como crime. Definição essa processada através da reação moral à generalidade que define tal curso de ação e o põe nos códigos, institucionalizando sua sanção.

rotina de vários moradores do bairro, podemos enxergar a dinamicidade dos laços tecidos entre os atores sociais em contextos de violência, medo e práticas ilegais.

Os pontos de ônibus da Aerolândia não eram representados e vivenciados apenas como lugares de angústias e medos, mas também, como pude observar, como espaços onde se teciam laços e amizades. Nesses locais, Arnaldo e Vicente tornaram-se grandes amigos, Roger e Carlos passaram a planejar futuras férias e jogar futebol juntos, e, Claudio conheceu sua atual esposa, Clarissa. Aqueles novos amigos, pois acredito que ali se forjaram laços profundos e duradouros, passaram a compartilhar não apenas alegrias e desventuras, mas também a segurança de “seus bens mais preciosos”, ou seja, a vida de seus familiares. Arnaldo, inveterado amante do futebol das quartas feiras, teve a ideia e responsabilizou-se pela organização de uma escala para que cada intrépido cidadão ficasse incumbido da tarefa de conduzir não apenas seu familiar em segurança para casa, mas todos os outros que no mesmo horário desembarcassem no ponto. As segundas-feiras ficaram com Arnaldo, as terças para Roger, as quartas sob a responsabilidade de Carlos, as quintas sob a tutela de Vicente e as sextas a cargo de Claudio. Para além de uma *divisão social do trabalho da segurança microbiana* esquadrinhada nessa escala dos dias da semana, podemos observar os traços de um sólido sentimento de confiança que se tecera ao longo dessas intermináveis interações que tiveram como palco os pontos de ônibus do bairro. Pois, como me disse Arnaldo:

“Não é pra qualquer um não que eu vou confiar a vida da minha filha. Não sou nem doido! Eu confio nesse pessoal por que eu sei que são pessoas que estão na mesma luta que eu. Todo dia a gente vêm aqui, faça chuva ou faça sol! Então eu acho que posso confiar nessa turma sim! Um deles já entrou até pra minha família! Essa tarefa ingrata seria pior se não tivesse alguém aqui pra compartilhar essas coisas!”
(Arnaldo, 52 anos, morador do bairro).

Os impactos objetivos e simbólicos da violência, confundida genericamente com as práticas criminalizadas, não podem ser apreciados apenas em sua porção negativa e desagregadora, mas a partir de todas as complexas dinamicidades e solidariedades que potencializam. Rupturas e esgarçantes do tecido social coexistem em meio a novos arranjos dos laços microbianamente tecidos, e talvez por isso, esquecidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas linhas finais do trabalho, buscamos, através de uma tentativa de articulação de conjunto daquilo que foi exposto ao longo do texto, contribuir para o debate acerca dos

dilemas, tensões e riscos que estão envolvidos na realização de investigações sociais em contextos socialmente considerados perigosos e/ou violentos. O que podemos aprender com essas pesquisas que nos recordam a todo instante não apenas os riscos epistemológicos de nosso encontro com o “outro” e com a alteridade, mas também os perigos efetivos das metrópoles brasileiras e a fragilidade da garantia de nossa integridade física?

Uma primeira lição que essas experiências de pesquisa nos trazem diz respeito ao tipo de objeto que estamos privilegiando quando decidimos realizar investigações de caráter qualitativo em contextos potencialmente perigosos e com interlocutores protagonistas de práticas ilegais. Entendendo que é em função de uma certa elaboração do objeto que os métodos de abordagem, as técnicas de recolha dos dados, e o tratamento que lhes são aplicados se impõem (BOURDIEU, 2005), as ciências sociais de orientação qualitativa estariam interessadas em um nível de realidade que não passa pelo crivo da quantificação. Elas se dedicam a um universo de significados, crenças, valores e atitudes que não podem ser apreendidos através da operacionalização de variáveis numéricas, gráficos e tabelas. Acompanhar os “meninos da praça” em suas interações, nem sempre agradáveis, com o braço operante da lei ou Arnaldo e seus novos amigos em seus itinerários na Aerolândia, não significou apenas vivenciar com os mesmos os medos e perigos aos quais diariamente esses atores estão expostos. Através dessas experiências, sentimentos, motivações e aspirações acerca do fenômeno socialmente apreciado como violência foram se revelando e ganhando visibilidade. Os perigos vivenciados em um “campo de risco” vieram, na minha experiência, acompanhados pela alegria da aceitação dos interlocutores da pesquisa e pela possibilidade da descoberta qualitativa de pistas microbianas sobre as rupturas e rearranjos do tecido social contemporâneo.

A segunda lição que emerge a partir dessas experiências de pesquisa refere-se à possibilidade, e a necessidade, da produção de uma interface metodológica na compreensão da criminalidade e suas ressonâncias objetivas e simbólicas em nossas pesquisas sociais. Pesquisadores dedicados aos estudos da criminalidade e da violência devem buscar restabelecer o trânsito entre o individual, o coletivo e o estrutural, pois, *“tanto as estruturas quanto os microprocessos de ação social devem ser conhecidos, analisados e interpretados, cabendo a cada um a metodologia apropriada, a metodologia que melhor se adéqua ao problema que se deseja investigar”* (HAGUETTE, 1990, p. 23). Existindo um substrato teórico, ou seja, uma visão de como a sociedade funciona por trás das escolhas das técnicas manuseadas nas investigações sociais, um esforço possível de ser realizado pelos analistas da criminalidade e da violência consistiria em um constante câmbio do olhar a ser lançado sobre

o objeto durante as diferentes etapas da pesquisa. Quando se trata de compreender a criminalidade e suas ressonâncias sociais, estatísticas oficiais, enquetes de vitimização e pesquisas qualitativas, entre outras técnicas, devem ser manuseadas de maneira conjunta. Dados quantitativos e qualitativos devem interagir numa interface metodológica capaz de compreender toda a dinamicidade da criminalidade e seus processamentos sociais. Os avanços se constroem em vários flancos.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERREMAN, Gerard D. **Etnografia e controle das impressões em uma aldeia do Himalaia**. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime e segregação e cidadania**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CICOUREL, Aaron. **Teoria e método em pesquisa de campo**. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1980.
- GARLAND, David. **A Cultura do Controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2008.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HAGUETTE, Teresa Maria frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de. **A violência no contexto urbano: um estudo do processo de produção de sentidos e estereótipos sobre o espaço social e o indivíduo**. Fortaleza: UECE, 2004. (mimeo)
- _____. **Violência, cidadania e medo: experiências urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: UFC, 2008. (mimeo)
- MISSE, Michel. **A violência como sujeito difuso**. In: FEGHALI, Jandira et al. (Org.). **Reflexões sobre a violência urbana: (in) segurança e (des) esperanças**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983.

WHYTE, Willian Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área pobre e degradada. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ZALUAR, Alba (Org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1980.

_____. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

